

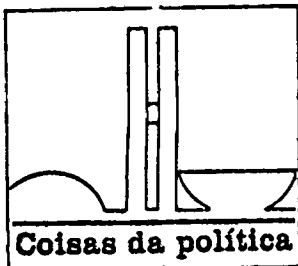
Em busca do porto seguro

13 DEZ 1986

ECONOMIA BRASIL

André Gustavo Stumpf

A história dos grandes navegadores é sempre caracterizada por enormes obsessões. Cristóvão Colombo, por exemplo, tinha a intuição de que, navegando para o poente, chegaria ao nascente e nesta rota encontraria terras localizadas ao sul do Japão. Mas, porque entre seu sonho e a realidade havia uma terra, ele jamais se conformou com sua própria descoberta. Foi um magnífico obsessivo, de quem Victor Hugo disse, certa vez, que "a glória de Colombo não consiste em ter chegado, mas em ter levantado âncora".



A história política da América Latina também é caracterizada por grandes obsessões. Os colonizadores do novo continente viveram de seus sonhos e freqüentemente esbarraram na realidade. Todos levantaram âncoras, revelaram situações absolutamente inesperadas e terminaram sem compreender a extensão de suas próprias realizações. Bolívar e San Martín são dois exemplos de uma ação heróica, mas errática, libertária, mas politicamente confusa. Uns e outros se utilizaram de veteranos das guerras

napoleônicas — que venderam seus serviços à causa da independência na América do Sul.

O Brasil não fica à margem desta história de obsessões que esbarram na realidade. O equilíbrio instável de um país sem instituições definidas tem proporcionado uma exibição de desencontros difíceis de serem narrados mesmo pelos melhores ficcionistas latino-americanos. A greve de ontem, cujo sucesso ou fracasso será contabilizado por lentes ideológicas, é outro exemplo dos desencontros nacionais. O movimento teve na sua origem razões claras, definidas e até lógicas — porque o país se sentiu lesado quando descobriu a realidade criada pelo Plano Cruzado: uma brutal queda nas reservas brasileiras, uma situação de pré-insolvência e a iminência do choque cambial.

Não é difícil perceber, através de contas simples, que o Plano Cruzado custou aos cofres do país algo em torno de cinco bilhões de dólares por causa da queda abrupta das exportações e da importação maciça de gêneros alimentícios e insumos para a produção industrial. A navegação dos executivos da economia brasileira resultou na descoberta desta realidade. O ministro Dilson Funaro correu a Washington na tentativa de renegociar com os credores externos as muitas dívidas brasileiras, porque o fôlego financeiro do país é curto. Dá para pouco mais de dois meses.

Mas, para além de uma crise cambial que vai mostrando seu perfil no horizonte visível, o Gover-

no convive com crises institucionais sérias. A administração Sarney adotou um método peculiar de sobrevivência. Precisa recorrer de tempos em tempos a alguma medida de impacto, porque a extensão do mandato do Presidente da República é função direta dos índices de popularidades que estiver obtendo em períodos determinados. E diante da realidade da Assembleia Nacional Constituinte será necessário, aos olhos do Governo, navegar em elevadíssimos índices de aceitação popular, caso contrário o fim deste governo vai coincidir com o encerramento dos trabalhos constituintes.

A crise econômica se sobrepôs à crise política e, na esteira das duas situações de risco, as entidades sindicais redescobriram a possibilidade e o espaço para testar seus dispositivos e confrontar com o poder. O Partido dos Trabalhadores, que não obteve sucesso na última eleição, consegue, através de interpostos canais e de sua estreita colaboração com sindicatos e agremiações trabalhistas, constranger o Governo Federal de uma maneira não alcançada por intermédio do voto direto. São meios legítimos de manifestação em país livre e democrático, embora aqui essa liberdade ainda decorra da liberalidade do governante, que, aliás, legisla à farta por decreto-lei.

Esse é um típico cenário de crise, que mostra em primeiro plano um qualificado assessor da área econômica lamentando-se porque os brasileiros não

JORNAL DO BRASIL

dispõem de poder para influir nas decisões do FMI ou dos bancos norte-americanos. Eis aí mais um choque da realidade, que se soma aos problemas institucionais do presidente Sarney, ao desastre do Plano Cruzado e, agora, à greve geral convocada pela CGT e pela CUT. A taxa de risco político aumentou bastante no Brasil dos últimos meses e os personagens envolvidos neste monumental desencontro nem sempre demonstram ter pleno conhecimento de sua real situação. Eles repetem a saga dos descobridores e dos colonizadores do Novo Mundo. Quase todos foram vítimas de seu próprio arrojo.

A paralisação de 24 horas determinada pelas centrais sindicais acrescenta mais combustível a um imbróglio volátil por sua própria natureza. A cada momento torna-se mais difícil realizar uma boa negociação no exterior, porque a situação interna vai-se tornando mais difícil. E ocorre também o contrário — é difícil negociar internamente, porque os banqueiros no exterior endurecem o diálogo com os brasileiros. A obsessão de uns e outros poderá acarretar a glória de um eventual descobridor de novo caminho, mas o Brasil de agora cabe por inteiro na definição de Victor Hugo, de que mais importante é levantar âncoras. O problema está em saber onde esse conjunto de problemas, circunstâncias e crises vai encontrar seu porto seguro.